

ATIVIDADE EDUCATIVA SOBRE SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bruna Martins Nogueira Leal ¹
Francisca Thamilis Pereira da Silva ²
Vinícius Marcionilio dos Santos ³
Nádyá dos Santos Moura ⁴

INTRODUÇÃO

A definição de adolescente realizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) inclui aspectos biológicos, sociais e psicológicos e delimita a faixa etária da adolescência com uma definição cronológica, propondo que esse período se estenda dos 10 aos 19 anos de idade. Entretanto, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990) propõe que a adolescência seja o período compreendido entre 12 e 18 anos de idade de uma pessoa.

Conforme Berlofi e colaboradores (2006), na adolescência desenvolvem-se processos psicológicos e padrões de identificação que evoluem da fase infantil para a adulta, entre eles a transição de um estado de dependência para outro de relativa autonomia. Sabe-se também que esse período é caracterizado por mudanças físicas e hormonais que, por si só, exigem do ser humano em transformação um trabalho psíquico que dê conta da elaboração do luto do seu corpo e seus hábitos da infância para assumir um novo corpo, que se impõe com novas exigências de cuidado e comportamento transportando o adolescente para o lugar que ocupará na sociedade.

Em meio a estas transformações físicas e psíquicas, quando ocorre a gestação na vida de adolescentes, esta gestação trará consigo profundas e abrangentes mudanças nos aspectos físicos e psicológicos, com repercussões individuais, familiares e sociais. Em função disso, desde as décadas de 1980 e 1990, o adolescente foi reconhecido pela sociedade da América

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí - UFPI, bruna12mnl@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí - UFPI, tatapereirasilva@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí - UFPI, viniciusantos252010@hotmail.com;

⁴ Doutoranda em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará- UFC, nadyasantosm@yahoo.com.br;

Latina e Caribe como foco de estudo no campo da Saúde Pública (Lira e Dimenstein, 2004, Ferrari e col., 2008; Damian, 2003).

Contudo, é importante considerar que, ao contrário da visão hegemônica da sociedade e da saúde pública em geral, que considera gravidez na adolescência como indesejada, a maternidade na adolescência tem se mostrado como uma experiência de vida que também pode trazer significados positivos (Santos e Schor, 2003); ainda que devemos reconhecer como legítimas muitas das preocupações da família e da sociedade, é preciso entender que a concepção negativa e reducionista sobre a gravidez na adolescência pode construir restrições e implicações conceituais no desenvolvimento de pesquisas e na atuação dos profissionais junto aos adolescentes. Por isso, um melhor entendimento das circunstâncias possibilitará que os profissionais de saúde planejem e executem ações de saúde mais adequadas e eficientes para essa população (Santos e Schor, 2003).

Dessa forma, o objetivo do trabalho é relatar a experiência de uma atividade educativa sobre sexualidade na adolescência.

METODOLOGIA

Trata -se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, de uma atividade educativa realizada em uma escola, no município de Picos, no estado do Piauí, em maio de 2019. A intervenção foi desenvolvida na disciplina de Saúde da Mulher. O público escolhido foi adolescente e a mesma foi realizada por acadêmicos orientada pelo professor da disciplina.

Para a elaboração da intervenção, foi planejado métodos de propagar as informações de forma dinâmica e ganhar a confiança dos alunos. Inicialmente, foi feita uma brincadeira com os alunos para deixá-los mais confiantes, utilizando balão e música. Conforme a música parava o aluno que estivesse com o balão respondia algumas perguntas sobre a temática.

Em seguida, foi dada uma Palestra sobre o tema utilizando uma aula expositiva, onde foram abordados tópicos como: conceito de adolescência, fatores que propiciam a gravidez, principais métodos contraceptivos entre outros. Além disso, foram distribuídos kits de preservativos femininos e masculinos como maneira de repassar algumas formas de prevenção.

Depois da finalização da explicação do conteúdo, foi aberto um momento para tirarem dúvidas, darem depoimentos e contribuições pertinentes ao assunto. No final, foi distribuído copos personalizados da intervenção e alguns bombons através de sorteios feitos com o público presente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A execução da atividade educativa foi satisfatória onde todo o público alvo contribuiu de forma direta no desenrolar da intervenção. De início, os alunos mostraram-se bastante curiosos sobre o que seria discutido no local, ao mesmo passo que mostraram resistentes a participação nas atividades propostas.

Com a realização da dinâmica de apresentação, começaram a mostrar-se mais participativos e com isso foi dado início a explicação do conteúdo. Foi possível perceber a concentração no momento da abordagem sobre Sexualidade na adolescência, imagens e todo material didático.

Com isso, despertou-se algumas curiosidades por partes dos alunos como questionamentos a respeito de como utilizar os métodos contraceptivos, quais eram dados pelo SUS, qual o grau de eficácia dos mesmos. Foram respondidas tais dúvidas cientificamente, com a finalidade de promover educação e saúde para os adolescentes.

Dessa forma, entendemos promoção da saúde como um campo político e metodológico útil para analisar e atuar sobre os determinantes e condicionantes do processo saúde-doença que, por sua vez, dizem respeito às condições propiciadas pelos aspectos físicos, sociais, econômicos e culturais nos quais os indivíduos e coletivos estão inseridos (MOYSÉS et al , 2004).

Vale ressaltar que o desenvolvimento de responsabilização múltipla, empoderamento e autocuidado são essenciais à efetivação da promoção da saúde, uma vez que permitem a construção de habilidades individuais a fim de viabilizar a tomada de decisões favoráveis à qualidade de vida (BUSS, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto é perceptível que maneiras e estratégias sejam traçadas para disseminação desse assunto na sociedade atual, mesmo sendo algo recorrente ainda é tido como o tabu da sociedade. Informações sobre como prevenir uma indesejada gravidez, métodos contraceptivos é muito importante independente do contexto que o adolescente o encontrará.

É necessário também que ocorra um maior envolvimento familiar, escolar com os adolescentes. Sabe-se que é uma fase delicada de lhe dar, mas deixá-los abandonados não reverterá a situação, para isso é imprescindível confiança, liberdade e propagação de informações coerentes entre jovens e seus familiares e até mesmo no ambiente escolar. Dessa forma, espera-se que melhore o indicativo de gravidez indesejadas e problemas decorrentes disso.

Palavras-chaves: Sexualidade; Gravidez; Saúde;

REFERÊNCIAS

BERLOFI, L. M. et al. **Prevenção da reincidência de gravidez em adolescentes: efeitos de um programa de planejamento familiar.** *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 196-200, 2006.

BRASIL. **Lei nº 8.069. Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília, DF, 1990.

BUSS, P.M. **Uma introdução ao conceito de promoção da saúde.** In: CZERESNIA, D.

FREITAS, C.M. (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003. 174p.

DAMIAN, F. E. **Gravidez na adolescência: a quem cabe prevenir?** *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 2003, editorial.

FERRARI, R. A. P.; THOMSON, Z.; MELCHIOR, R. **Adolescência: ações e percepção dos médicos e enfermeiros do Programa Saúde da Família.** *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, SP, v. 12, n. 25, p. 387-400, 2008.

LIMA, C. T. B. et al. **Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação.** *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*, Recife, v. 4, n. 1, p. 71-83, 2004.



MOYSÉS, S.J.; MOYSÉS, S.T.; KREMPEL, M.C. Avaliando o processo de construção de políticas públicas de promoção da saúde: a experiência de Curitiba. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.627-641, 2004.